

**A ARTE DE ALCANÇAR EM CONJUNTO O ALVO DAS ASPIRAÇÕES COMUNS:
A FILOSOFIA DE “COMUNIDADE” DE JEAN-LUC NANCY NO DISCURSO DE
FARIS MICHAELE**

**THE ART OF REACHING THE PURPOSE OF THE COMMON ASPIRATIONS
TOGETHER: THE “COMMUNITY'S” PHILOSOPHY OF JEAN-LUC NANCY IN FARIS
MICHAELE'S DISCOURSE**

Caroline Gonzatto

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
cgonzatto@gmail.com

RESUMO

A década de 50 no Brasil foi palco das relações entre etnias ou raças. Um tema explorado, observado e registrado principalmente por “privilegiados”, por um grupo reduzido que dominou as formas clássicas de se escrever literatura e ciência. Este artigo apresenta algumas ideias de caráter científico de um “intelectual” sem formação acadêmica e disciplinar, mas que mantinha um diálogo com o público através de um periódico. Neste artigo, objetivamos: examinar como a noção de “comunidade” tem sido teorizada e aplicada; selecionar trabalhos inovadores de historiadores, filósofos e sociólogos sobre o papel do discurso em imaginar, manter e em reforçar o sentido do “comunal” para promover reflexão sobre a participação e cumplicidade em uma “comunidade”. Os textos principais são de Alexis de Tocqueville, de Faris Michaele e de Jean-Luc Nancy. O primeiro passo foi identificar de onde vinham as ideias relacionadas a raça do “intelectual” em questão. Não pareceu tão difícil essa fase, visto que o Caderno Guia de Leituras de Faris Michaele, o intelectual em questão, indica a relação de livros de sua biblioteca. E o periódico em que escrevia indica a data de aquisição de determinados livros. Depois de traçar a relação de leituras, passamos a traçar um diálogo entre o que ele escrevia e o que leu sobre raça. Além de estarmos atentos ao que se discutia sobre o tema na época. Suas duras críticas aos escritores do tema da raça, tais como Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Sílvio Romero, o uso do periódico para a circulação dessas críticas, fizeram com que Faris se inserisse na comunidade literária. Fizeram-no estar entre os grandes escritores, e entre as grandes ideias

Palavras-chave: Comunidade Literária. Circulação. Comunicação.

ABSTRACT

The decade of fifties in Brazil was a stage of the relationships between ethnic groups or races. This is an explored, observed and registered theme; mainly by 'privileged' people, by a reduced group that dominated the classic forms of writing literature and science. This article tried to present some ideals of a scientific character by an "intellectual" personage, without academic formation and discipline, but that blanket a dialogue with his public, through a newspaper. This article has three main objectives: to examine how the "community's" notion has been theorized and applied; to select innovative works by historiographers, philosophers and sociologists, on the function of the discourse in imagining, in maintaining and in reinforcing the sense of "communal"; and to promote reflections about the participation and complicity in a "community". The main texts were written by Alexis de Tocqueville, by Faris Michaele and by Jean-Luc Nancy. The first step was to identify where were come the related ideas about race by the "intellectual" personage concerned. This phase didn't seem so difficult, because the Guidebook of Readings by Faris Michaele, the intellectual personage in subject, indicates the description of books of his library. And the periodic publication in that he wrote indicates the date of acquirement of certain books. After describing the guide of readings, we started to present a dialogue among which he wrote and what he had read about races. Besides we were attentive in what was discussed on the theme at that time. Michaele's harsh criticism about the writers of the races issue, such like Gilberto Freyre, Arthur Ramos and Silvio Romero; the use of the periodic publication for the circulation of this criticism made Faris fit into the literary community. It made him to be among the great writers, and among the great ideas.

Key-words: Literary community. Circulation. Communication.

It consists in allowing to be said something that no one – no individual, no representative – could ever say: a voice that could never be the voice of any subject, a speech that could never be the conviction of any understanding and that is merely the voice and the thought of community in the interruption of myth (NANCY, 2004, p. 80).

Este estudo trata das normas e valores de comunidade e da circulação destes, observada sob o ponto de vista da sociedade moderna de Alexis de Tocqueville, Faris Michaele e Jean-Luc Nancy.

A história que queremos apresentar trata da circulação de ideias. Ideias que circulavam em um centro cultural chamado Euclides da Cunha¹ e que tiveram, no ano de 1948, um veículo de divulgação: o Tapejara, um periódico literário no qual se discutia literatura, produzia poesia, publicava livros, artigos acadêmicos de universidades brasileiras, da América e da Europa. Os artigos vindos da Europa e da América do Norte não eram tão frequentes, mas os de produção local - Ponta Grossa, PR - eram trimestrais e funcionaram por 23 anos, de 1948 a 1971.

A principal fonte, o principal lugar da abertura das ideias que ali circulavam surgia de leituras. Por exemplo, acredita-se que a ideia de criar um periódico que publicasse as notícias do Centro Cultural nasceu da leitura de Alexis de Tocqueville, que escreveu em “Democracia na América”:

Quando já não mais existem laços firmes e duradouros a unir os homens, é impossível obter a cooperação de um bom número deles, a não ser que se consiga convencer cada homem cujo auxílio é necessário de que ele estará servindo aos seus próprios interesses unindo voluntariamente seus esforços aos de todos os demais. Isso não pode ser feito habitualmente e convenientemente sem o auxílio de um jornal. Somente um jornal pode apresentar a mil leitores o mesmo pensamento ao mesmo tempo. [...]. Portanto uma associação democrática dificilmente pode prescindir de um jornal (TOCQUEVILLE, 1956, p. 517)².

Os artigos que lemos no periódico *Tapejara* foram escritos por Faris Michael, o fundador do Centro Cultural e criador do Periódico. Encontrei, na estante do Centro Cultural, um exemplar de *Democracy in America* de Alexis de Tocqueville publicado em 1956³. Não podemos precisar quando foi o primeiro encontro de Michael com Tocqueville, seus artigos daquele ano não nos garantem a leitura da obra. Entretanto, percebemos sua afinidade e aproximação com o tema da comunidade democrata. Segundo Tocqueville, uma comunidade constituiria em uma “associação de iguais”, ou seja, um conjunto de pessoas partidárias de mesmos interesses, princípios políticos, vida social, entre outros aspectos. Michael acreditava que os laços que uniriam uma nacionalidade eram essencialmente culturais. Sendo assim, juntou elementos definidores de uma nacionalidade, tais como literatura, leis, hábitos e costumes, raça, língua e religião.

Faris Michael propôs métodos mais científicos para os estudos das raças, mas trazia, em sua bagagem literária, leituras de estudiosos que não pensavam o racismo pelo lado científico. E foi essa sua principal preocupação, demonstrada nos vários artigos no Tapejara.

O primeiro artigo pós-56 de Michaele foi “O índio e a Literatura Brasileira”. Reclamou Faris que a influência ameríndia não tinha sido devidamente analisada, isto é, “estudada com critério menos pessoal e subjetivo até aquela época” (MICHAELE, 1956a). As discussões anteriores das relações raciais, travadas tanto por brasileiros como por estrangeiros, eram baseadas em observações pessoais. Um excelente exemplo histórico é a pesquisa antropológica de Donald Pierson, que retratou relativa harmonia racial na Bahia (SKIDMORE, 2001, p.63)⁴. Michaele sugeriu, àqueles que quisessem tratar do índio em face da literatura brasileira, “estar ao corrente dos novos requisitos, exigidos pela apreciação literária, os quais, sem dúvida, se inspiram nos mais modernos e racionais critérios científicos, isto é, terá que usar de método objetivo e relativista” (MICHAELE, 1956a, p,1).

Num outro artigo, da mesma edição, Michaele (1956b) discute as diferenças implicadas nos termos “Raça e espécie”. Depois de discutir os termos e citar biólogos, antropólogos e etnólogos, Michaele confessa a dificuldade que sente ao fazer distinção das raças, e que somente nos agrupamentos mais primitivos, de caráter tribal, é que o problema poderia receber alguma luz. Dessa discussão, Michaele (1956b, p,14) tirou cinco conclusões: (a) a raça, espécie e variedade são termos confusos “devido à apreciação demais pessoal” dos estudiosos; (b) havendo poligenismo e homogenismo humano, o certo é que existe apenas uma espécie humana viva, com várias ramificações ou raças; (c) a classificação natural por classes e ordens facilitaria a compreensão dos alunos e professores para fins didáticos; (d) “a fisiologia, os fatos sociais e a própria interfecundidade das várias raças, estão a nos dizer que não há abismo intransponível entre elas”; (e) os novos métodos - objetivistas, relativistas, livres dos processos simplistas – fazem o homem adquirir consciência de seu papel no cosmos “procurando sempre estudar a si e a seus semelhantes em função dos elementos internos e externos, responsáveis pela variedade existente entre as referidas raças”⁵.

Foram necessários muitos anos para que se reunissem os dados quantitativos que podiam fornecer a base para um retrato mais científico sobre raça e cor, em parte, porque os governos brasileiros não viam nenhuma necessidade de coletar tais dados (SKIDMORE, 2001, p.63). Influenciado por leituras sobre raça e espécie, a começar por Euclides da Cunha cujos discursos agregam mais indícios artísticos do que científicos, Faris Michaele gerou uma forma própria de estudar raça e espécie. Quanto mais percebemos sua vontade de escrever sobre os temas, mais percebemos os indícios culturais que a percepção de Faris captou.

Em “A Língua Tupí ou Geral” Michaele (1956c) classifica certos autores como de “bom senso” e outros como “sandeus”. Dentre os de “bom senso” Faria cita: Fernão Gardim, Almir de Andrade e Simão de Vasconcelos. Dentre os “sandeus”, Faria menciona: Pedro de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Souza e Vicente do Salvador. Com base na leitura de publicações destes três últimos autores, Michaele (1956c, p.7) afirma que a enorme sandice que escreveram foi que “os ameríndios não tem fé, nem lei, nem rei por não possuírem estas letras [F, L, R] em seu idioma”.

Nesse artigo, começamos a perceber uma atitude científica de Michaele ou, ao menos, tentativas dele de mostrar como fazer “estudos científicos”. Mais ao final do artigo disse:

A esta altura, e já que só temos tratados de escritores antigos, é justo que, bem estudados nas asserções relativos à riqueza da língua geral brasílica, procuremos, sem demora, uma arrasante investida contra um viajante francês, Ch-M. de la Condamine⁶, que em seu “trabalho”, “Viagem à América Meridional” p.45-46 se espanta dos idiomas sul-americanos, entre os quais inclui o nosso: diz êle que em nenhum deles [idiomas] encontrou térmo que traduzisse **tempo, duração, espaço, ser, substancia, matéria, corpo, virtude, justiça, liberdade, reconhecimento e ingratidão**. São, como se vê, vocábulos que implicam idéias mui abstratas e civilizadas. Todavia, não obstante ser a nossa uma língua selvagem, ainda assim provaremos que ela tinha expressões para a quase totalidade das mesmas (MICHAELE, 1956c, p. 7).

E em seguida, Michaele traduz para o tupi todas as palavras que o francês Charles M. de La Condamine disse não ter encontrado. Começa a ficar clara, para nós, não somente a iniciativa científica dos artigos de Michaele, mas também o que ele queria dizer com “apreciações demais pessoal” das leituras que havia feito até então. De acordo com Michaele, a descrição que Charles M. de La Condamine fez dos índios em “Viagem à América Meridional” pode ser considerada um estudo com “apreciações pessoais”, pois Condamine não se prendeu a investigações linguísticas. Esta era a crítica de Michaele: um estudo objetivo seria aquele em que, ao falar da língua do idioma indígena, teria que se levar em conta a capacidade intelectual do nativo de falar.

Pode-se pensar também que, por trás da inquietação, do idealismo racional, e da preocupação com o cientificismo haja a figura de um homem que não esquecia seus princípios filosóficos e tentava conciliá-los com a defesa dos interesses igualitários, democráticos e nacionais. Queremos pensar que, assim como Tocqueville, Michaele conservava a inspiração do pensador/homem de ação, que não abria mão de fundamentar filosoficamente seus pontos de vista, mas que, por outra parte, não pretendia ficar no mundo pacífico da teoria, achava que o seu compromisso fundamental era de ordem histórica, no sentido de ajudar a transformar as instituições, na busca de formas mais humanas de convívio social (RODRIGUEZ, p.2).

Se, como disse o filósofo Jean-Luc Nancy, todo ser humano é “expoente do mundo para o mundo”, e se havia circulação de ideias de democracia e solidariedade racial, então esse assunto nos interessa, porque queremos nos colocar como agentes de um processo em curso. Ao fundarem uma comunidade, ou como quer Tocqueville, uma comunidade cívica, permitiram, naquele momento, certo tipo de juízo, gosto e mundo, permitindo que, neste momento, se pudesse ler e traduzir aquele mundo⁷.

Do tempo quando o exercício do intelecto se transformou em uma fonte de força e de riqueza, nós vemos que cada adição à ciência, cada verdade fresca, e cada idéia nova se transformaram em um germe do poder colocado ao alcance dos povos. Poesia, eloquência, e memória, benevolência da mente, fulgor da imaginação, profundidade do pensamento, e todos os presentes que o céu dispersa em um risco, voltaram para a vantagem da democracia; e mesmo quando estavam em posse de seus adversários, ainda serviam sua causa jogando ao relevo a grandeza natural do homem. Sua propagação da conquista, conseqüentemente, com aquelas da civilização e do conhecimento; e a literatura transformou-se em um arsenal aberto a tudo, onde o pobre e o fraco recorriam diariamente para os braços (TOCQUEVILLE 2001. p.28).

Ao falar da circulação, Jean-Luc Nancy (2004, p.19) disse:

Não há outro sentido, se me permite dizer assim, que o sentido da circulação – o qual vai em todos os sentidos simultaneamente, em todos os sentidos de todos os espaço-tempo abertos pela presença na presença. Todas as coisas, todos os seres, todos os existentes, os passados e os futuros, os vivos e os mortos, os inanimados, as pedras, as plantas, as ferramentas, os deuses – e os homens, quer dizer, aqueles que expõem como tais a participação e a circulação ao dizer ‘nós’, ao dizer-se nós em todos os sentidos possíveis de tal expressão, e ao dizer-se nós pela totalidade do existente.

Nancy argumenta que é através da circulação que encontramos e articulamos o ser comum de comunidade. O que Michaele levanta, cria, ou põe em circulação, é a falta de intelectualidade para tratar da questão racial no Brasil. Sua crítica vem de anos, e talvez agora possamos comentar o assunto “com mais objetivismo e decência, sem usurpação, para não dizer latrocínio racial, o que nos desvalorizaria perante os demais povos do mundo civilizado” (FARIS, 1956c, p. 3), a seu gosto.

Ainda no mesmo ano e na mesma edição, Michaele (1956d) publica um extenso artigo para falar sobre “O sangue indígena na constituição do povo brasileiro”. Consultou dados do último censo (1950)⁸ para comentar e defender a ideia de que muito ainda restava para uma interpretação e compreensão das populações brasileiras. Não só isso, ao se apoiar nas obras “Seixos Rolados” de Roquette Pinto em (1927) e “Introdução à Antropologia Brasileira” de Arthur Ramos (1943), Michaele nos faz enxergar que o trabalho desses dois

autores, ainda que baseados em dados do censo, eram desconcertantes em relação à realidade demográfica brasileira⁹. Referiu-se a José Veríssimo “Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil”, Gilberto Freyre e Clovis Bevilacqua. Deu o adjetivo de “valeroso espírito” a Sílvio Romero “que com tanto amor, tem estudado as questões de etnografia brasileira”. Citou Gustavo Barroso em “Terra do Sol”, Djacir Menezes em “O outro Nordeste”, Luis da Câmara Cascudo em “Geografia dos Mitos”, José Américo de Almeida em “A Paraíba e seus problemas”, Coriolano de Medeiros, Romário Martins, Rocha Pombo, Nascimento Junior e Gal. Souza Docca (MICHAELE, 1956d, p.14), todos esses autores tiveram o tema da mestiçagem em comum em seus estudos e, segundo Michaele (1956d), todos concordavam que não se podia mais falar em raça pura, mas em mestiços. O que reforça nossa ideia dos encontros de Michaele com Tocqueville, pois este definiu raça como coleções de indivíduos (GAHYVA, 2009, p.553). Coleção de indivíduos mestiçados.

A partir daí, nota-se uma diferente abordagem nos artigos de Michaele. Ele já não critica “maus” escritores, nem estudos realizados “às pressas” por determinados estudiosos. Da irritação, deu espaço para a transmissão do conhecimento. A partir de 1958, observa-se um Michaele mais atento às suas vontades filosóficas. Dois anos se passaram desde sua suposta leitura de Tocqueville, e inúmeras outras de outros escritores, que o fez continuar com os estudos sobre raça. Foram dez anos de pesquisa e circulação de ideias Dez anos de criação de artifícios para legitimar o mito indígena. Começamos a perceber o escritor engajado na escrita científica da qual tanto achava falta.

Nunca poderemos compreender bem o espírito de uma cultura, sem que, antes e acima de tudo, aprendamos o língua em que se expressa o povo dessa cultura. [...].Numa época de tanta curiosidade e tanta elevação de miras, quando até idiomas de pigmeus africanos são minuciosamente vasculhados, o GIGANTE BRASIL prima por ridicularizar essas iniciativas, através de sua imprensa mal orientada e mal preparada, na sua quase generalidade (Michaele, 1959, p.3-8).

Faz-se necessário que remontemos aos troncos fundamentais, pra que possamos melhor compreender o fenômeno da persistência ou não das características distintivas das raças, ao mesmo tempo que passamos em revista as teorias das cousas biológicas, físicas e culturais, que presidem do nascimento de novas raças ou novos tipos (MICHAELE, 1960, p. 13).

Nancy opina que a literatura, que está sempre interrompendo mitos, não cessará até que tenha restabelecido uma continuidade além desta interrupção. Michaele não soube o que estava interrompendo, sabia apenas que estava inaugurando um curso novo, uma incisão que nomeou “mito”. Nancy diz que a literatura interrompe a si mesma e que isto é,

essencialmente, o que faz dela literatura (escrita) e não mito. “Ou, melhor, o que se interrompe - discurso, canção, gesto, voz, narrativa ou prova - que é literatura (ou escrita). Precisamente, o que interrompe ou suspende seus próprios mitos (NANCY, 2004, p.72).¹⁰

Como todos poderão verificar, através de minhas aulas e de meus escritos, apenas combato a injusta preferência que se está dando aos estudos afronegristas, em detrimento do caboclo e do índio. O que não admito é que queiram, agora colocar o mulato acima do mestiço lusoameríndio. Se não era melhor, este último, também no posso concebê-lo pior, o que já cheirava à racismo às avessas (MICHAELE, 1969, p. 3-8).

É neste evento que Faris e Tocqueville compartilham a necessidade de interpretar uma nova configuração social e interromper algo já estabelecido. O grande temor de Tocqueville era que a busca dos interesses privados, marca da moderna ética do trabalho, prevalecesse sobre a vocação cívica das populações (norte-americanas), afastando-as, cada vez mais, das questões de natureza pública. Naquele mundo que priorizava interesses materiais, ele receava que os homens se distanciassem dos problemas que não se relacionassem as suas satisfações pessoais (GAHYVA, p. 562).

Michaele tentou fugir das prioridades materiais, afugentou-se na filosofia e na literatura para participar da vida pública. Ele sabia que suas propostas de intervenção social seriam estéreis quando não articuladas com a prática associativista, comunitária, institucional e cultural. Sua apatia à política é sinal de descrença. O pensamento de Tocqueville, segundo Gahyva (p.565), era que ou se vive em sociedade e os interesses tendem a coincidir, ou se, já constituída uma civilização, os interesses da raça superior prevalecerão, pois o principal sinal de sua prioridade é a sua posição dominante na hierarquia social.

Toda a teoria racial e toda prática associativista trazida à tona por Michaele e pelos encontros com Tocqueville vem nos lembrar das normas e valores de comunidade. São elas: relações de reciprocidade e cooperação, compartilhamento, oferta, ideal de igualdade e confiança entre indivíduos, ação coletiva, exposição, e o combate ao isolamento.

“A arte de alcançar em conjunto o alvo das aspirações comuns” é ter o privilégio e a habilidade de fazer da experiência, de escritor, a experiência de outros. A arte de comunicar é traduzida por Jean-Luc Nancy (2004, p.30) nestas palavras:

O que conta na arte, o que faz arte da arte (o que faz do homem o artista do mundo, quer dizer, expoente do mundo para o mundo), não é o belo nem o sublime, não é a finalidade sem fim nem o juízo do gosto não é a manifestação sensível, nem a prática da verdade, é tudo isso, sem dúvida, mas de outro modo: é o acesso à distante origem, em sua distância mesma, é o tato plural da origem singular. E tal é o que sempre quis dizer a imitação da natureza. A arte sempre é cosmogonia, mas expressa

a cosmogonia como o que é: necessariamente plural, disfarçada, discreta, toque de cor o timbre, frase ou massa pregada, resplendor, aroma, canto ou passo suspenso, já que é o nascimento de um mundo (e não a construção de um sistema). Um mundo, são necessários sempre tantos mundos para fazer um mundo.

A relação de mito e de comunidade está na exposição do trabalho literário. Para que algo seja comum, ou para que esteja em um estado de comunidade, deve sofrer o efeito da exposição. A história de Michaele comunica trabalhos, ideias e pensamentos que, ao serem compartilhados, abriram uma possibilidade, uma oferta de circulação do ideário de raça, um projeto pessoal dele. A elaboração de suas teorias acerca da raça ameríndia teve de ser ajustada e modificada ao contexto local. Seus debates sobre a evolução das raças, circulando ideias de igualdade democrática, estavam diretamente relacionados ao estabelecimento de uma nova sociedade.

Parafraseando Christopher Fynsk, no prefácio de *Inoperative Community*, uma coisa pelo menos é clara: se não encararmos tais questões, o político nos desertará completamente, se isso já não foi feito. Seremos abandonados à tecnologia política e econômica, se isso já não foi feito. E isto será o fim da nossa comunidade, se isso ainda não ocorreu (NANCY, 2004).

NOTAS DE FIM

- ¹ O Centro Cultural Euclides da Cunha funcionou por três décadas (fim de 1940 e fim de 1970).
- ² Alexis de Tocqueville era francês. Entre os anos de 1831-1832 esteve nos Estados Unidos para realizar uma pesquisa sobre o sistema prisional norte-americano. Impressionou-se pela eficácia do regime democrático que lá vivenciou. E desta experiência na América extraiu material para escrever um dos maiores clássicos da sociologia política moderna: “A Democracia na América”, em 1835. Armado apenas com seus cadernos de anotações e sua inteligência, Tocqueville preencheu centenas de páginas com suas observações e entrevistas feitas ao longo dos nove meses em que percorreu 17 dos Estados e 2 dos Territórios norte-americanos (na época eles eram 24, com 13 milhões de habitantes). Padecendo inúmeros perigos ao percorrer um território ainda selvagem, foi de Nova York a Nova Orleans, retornando pelas Carolinas e Virgínia até reembarcar de volta à Paris, em 3 de fevereiro de 1832.
- ³ Mal desembarcando no cais de Nova York em 10 maio de 1831, Aléxis de Tocqueville teve que refazer o referencial teórico em que se formara. O que ele e seu colega, o jurista Gustave de Beaumont, viram nos Estados Unidos não constava em nenhuma obra conhecida. Não se tratava da democracia grega, que ele estudara nos clássicos quando aluno do College Royal, em Metz, ou no Liceu de Direito, em Paris, na qual somente uma minoria era cidadã ativa. Naquela nova terra que ele se dispôs a desbravar, um inédito tipo de regime estava em formação, algo até então inexistente nos anais da humanidade. (Educaterra, 2009). Estão disponíveis na biblioteca do Centro Cultural os exemplares: TOCQUEVILLE, Aléxis. *Democracy in América* de 1956; GOBINEAU, Gustave de. *Adelaide suivi de Mdemoiselle Irnois*, 1959; e RAEDER, Georges. *D. Pedro II e o conde de Gobineau*. Correspondências inéditas. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938. Coleção Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5, v. 109.
- ⁴ Há mais de 10 obras de Donald Pierson na estante da biblioteca particular de Faris Michaele. Além disso, o Centro Cultural Euclides da Cunha recebia periodicamente um exemplar da Revista de Sociologia, dirigida por Pierson.

- ⁵ Este artigo foi uma sinopse de uma aula ministrada por Faris ao 2ºano do Curso de Geografia e História de Ponta Grossa.
- ⁶ Charles Marie de la Condamine foi o primeiro cientista a descer o curso do rio Amazonas, publicando na Europa um conjunto de descrições da geografia, fauna e flora da bacia amazônica e em muito contribuíram para despertar o interesse da comunidade científica pelo seu estudo.
- ⁷ Com todos os méritos para a Universidade Estadual de Ponta Grossa, no estado do Paraná, que conserva e mantém esses documentos, que são mais de 15.000 exemplares de livros, entre obras raras e 24 exemplares do Tapejara.
- ⁸ A primeira vez que se contou a população brasileira, em 1872, o Brasil ainda vivia em regime de Império. A partir de 1890, a cada dez anos são publicados números sobre demografia, natalidade, fecundidade, trabalho, família, domicílios, migração, raça e educação da população brasileira. Em 1910 e 1930, não foram realizadas as pesquisas devido a impedimentos políticos. Até 1936, o Censo era feito pela Direção Geral de Estatística, mas em 1940, o IBGE passou a realizar as pesquisas domiciliares. Fonte: Correio Braziliense. http://www.universia.com.br/noticia/materia_clipping.jsp?not=917.
- ⁹ O primeiro censo nacional, em 1872, incluía poucos dados socioeconômicos, e os censos seguintes, de 1890, 1920, 1940, 1950, 1960 e 1970, não tinham dados sobre educação, renda ou ocupação segundo raça. Em 1970, nenhum dado sobre raça foi coletado. Assim, antes do final dos anos 1970 era impossível que os demógrafos analisassem padrões divergentes de oportunidades (educação, morbidade, mortalidade etc.) entre pessoas das quatro categorias raciais normalmente utilizadas no censo: brancos, pretos, pardos e amarelos. Era impossível, portanto, fazer comparações internacionais quantitativamente significantes. Para compreender o sistema de relações raciais do Brasil os estudiosos dependiam de métodos anedóticos ("observação participante"era o termo mais polido) (SKIDMORE, 2001, p.64-65)..
- ¹⁰ Tradução livre do original: "Or, better, what interrupts itself – discourse, song, gesture, voice, narrative or proof – that is literature (or writing). Precisely, what interrupts or suspend its own mythos (NANCY, p. 72).

REFERÊNCIAS

- GAHYVA, Helga. *Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 49, n.3, 2009.
- MICHAELE, Faris. *O índio e a literatura brasileira*. Tapejara. Ano 6, n.17, Ponta Grossa, Jun. 1956a.
- MICHAELE, Faris. *Espécie e raça*. Tapejara. Ano 6, n.17, Ponta Grossa, Jun.1956b.
- MICHAELE, Faris. *A língua tupi e geral*. Tapejara, ano 6, n.18. Dez. 1956c.
- MICHAELE, Faris. *O Sangue indígena na constituição do povo brasileiro*. Tapejara, ano 6, n.18. Dez. 1956d.
- MICHAELE, Faris. *Em abôno de Euclides da Cunha*. Tapejara, ano 6, n. 21. Set. 1959.
- MICHAELE, Faris. *Formação das raças e o problema da Evolução*. Tapejara. ano XI, n.22, 1960.
- MICHAELE, Faris. *Ser singular plural*. Madri: Grafica Pedraza, 2002.
- NANCY, Jean-Luc. *The inoperative community*. University of Minnesota (US): 2004.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy in America*. New York: A Signet Classic, 2001.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Estratégia e política internacional, segundo Tocqueville (1805-1859)*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa

SKIDMORE, Thomas E. *Temas e metodologias nos estudos das relações raciais brasileiras*. *Novos Estudos*. n. 60, Jul. 2001.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/08/04/001.htm>. Acesso em: junho de 2009.